



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15057 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 14 / GT 17 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

### A PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA COMO GESTO (IN)SUBMISSO

Rita Márcia Magalhães Furtado - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

#### Introdução

Na atmosfera formal da universidade, são os pormenores do cotidiano que revelam sua ordenação e esta se constitui na multiplicidade de gestos, como comunicação não-verbal oriunda de espaços sociais distintos que nos revelam, em suas formas visíveis, o invisível dessas existências. Nesta perspectiva, os gestos desempenham um papel significativo e evidenciam a necessidade de pesquisas específicas que analisem sua ação na educação e é a eles que nos deteremos nesta análise. Nosso recorte nesta pesquisa se deu na perspectiva de explorar o fazer pedagógico na universidade, o que suscitou a necessidade de, para além das teorias e das práticas pedagógicas, problematizar o gesto pedagógico como ato e como forma.

Sendo assim, centraremos nossa análise numa abordagem poética e estética da pedagogia universitária posto que, pensamos, esta, ao incorporar os saberes advindos dos campos da arte e da literatura, se torna inspiradora da emancipação e da criação e se apresenta como fundante para reafirmar a universidade como espaço que congrega a tríade unidade, interioridade e totalidade. Pensamos ser esta uma abordagem pertinente pois transcende o ideal do processo formador clássico no qual a imaginação foi domesticada pela racionalidade, sobretudo pela desconfiança nas imagens como formas imanentes de saber, o que aponta novas possibilidades no trabalho pedagógico no ensino superior.

#### Desenvolvimento

A significância gestual sempre esteve presente nos sistemas de representações sociais como modo de estabelecer um *status* social, em maior ou menor grau. É o caráter simbólico do gesto que se apresenta como determinante para a concepção de hierarquia política e social.

Para evidenciar a relevância do gesto, não só com relação ao corpo, mas também numa historiografia que busca, nas cerimônias sagradas e nas festas solenes, o estudo valioso do gesto nos processos de socialização e pertencimento, Claudine Haroche (2008), no ensaio intitulado *O gesto no fundamento das instituições políticas* afirma que o gesto é um fator crucial e decisivo para a ordem e para a própria monarquia no medievo, e sua importância se estende para seus efeitos no processo civilizatório. Assim, “ao indicar a cada um, em função dos títulos, das condições, dos níveis, dos cargos – a sua posição, os gestos que deve realizar, o protocolo inscreve uma ordem *nos* corpos e *entre* os corpos”. (Haroche, 2008, 43). Segundo Haroche, em *Da palavra ao gesto* (1998), mesmo o gesto trivial possui relevância ao se considerar a importância da interpretação deste para o estudo dos sistemas cultural e social, pois o corpo reflete as práticas desses sistemas e torna-se fundamental para a interpretação dos fenômenos que se manifestam e na ideia de continuidade que mantém a presença ancestral ainda viva na sociedade contemporânea. A disciplina do corpo torna-se, assim, fundamental para estabelecer as hierarquias. Nesse sentido, o gesto submisso está sempre vinculado a um signo que o chancela, ou seja, ele incentiva uma ação sem passar pelo discurso imperativo ou normativo e se torna, por essa via, fundador como preceito das instituições jurídicas e políticas, de um modelo padronizado de comportamentos coletivos.

Mas apesar de sua vinculação direta aos movimentos do corpo como síntese de uma hierarquia segregadora, o gesto não se reduz à corporalidade em sua vertente disciplinada e submissa, ele visa algum propósito e, portanto, possui uma intencionalidade. Sendo mimético, o gesto traz o conhecimento prático que pode ser repetido, adequado, ajustado, assimilado e incorporado a um determinado propósito e sendo autônomo promove, pela imaginação, sua possibilidade criadora.

Como vimos, os gestos são altamente dependentes do contexto, mas podem ser influenciados pelas condições individuais que apontam para essa especificidade. Com o claro propósito de analisar os gestos com ênfase na corporalidade, mimese e performance, Christoph Wulf aponta que estes são modos de autoexpressão que dão visibilidade ao que poderia passar pelo campo do invisível. Ao analisar a importância dos gestos, Wulf explora as múltiplas dimensões contextuais representativas destes, desde o mero movimento expressivo até sua possibilidade criativa, expressiva e formativa. Tais significados se constituem no entrecruzamento das situações sociais vividas com a elaboração das imagens internas que constroem conceitos e sentimentos. Tais gestos podem, portanto, serem miméticos para atender às expectativas sociais, mas podem também serem modificados a partir da ideia de liberdade e autonomia, ou seja, há uma relação recíproca. Assim, “nos gestos experimentamos o mundo e a nós mesmos simultaneamente. (...) Nos gestos, os seres humanos formam o mundo e são simultaneamente formados por ele. Neste sentido, *gestos são reflexivos*.” (Wulf, p.134). Para Wulf, é justamente a ênfase no mimético, no seu caráter performativo, corporal,

social, lúdico e imaginativo que faz do gesto um estudo bastante significativo para a educação. A mimese “cria gestos de comunhão social” (Wulf, p.134), regulando as relações sociais e criando sentimentos de pertença.

Pautando-se na antropologia como suporte teórico de seu estudo sobre o gesto, Yves Citton, em sua obra *Gestes d'humanités: anthropologie sauvage de nos expériences esthétiques*, chama nossa atenção para o fato de o gesto se situar entre o controle calculado – representativo de uma ação planejada com um determinado fim ou propósito –, e a autonomia – enquanto expressão legítima de sentimento –, e, portanto, ao mesmo tempo em que se apresenta como algo ligado a uma ação que exige a repetição, ele também escapa, na espontaneidade brotada em determinadas circunstâncias em que a própria inserção inconsciente das pessoas no processo de socialização reivindica. Citton atribui ao gesto um papel reflexivo secundário, pois segundo ele, a principal potência do gesto é que ele nos permite nos relacionarmos com os outros, pois é sempre adequado a um possível encontro. Nessa relação dinâmica com o pensamento, o gesto se torna o elo entre o eu e o outro, entre o eu e o mundo e entre o eu, o outro e o mundo.

Jean Galard em *A beleza do gesto*, nos diz da construção do gesto como modo de adequação social, mas também nos abre a possibilidade de pensarmos, através do que ele chama de gestos mínimos, uma possível abertura para a estranheza que, muitas vezes, no fluxo cotidiano e banal da nossa existência, não percebemos enquanto evidência do plural que se nos apresenta e acaba por se transformar em uma estética das condutas. Para Galard, o gesto, enquanto conjunto de atitudes ou de posturas, pode ser oriundo dos atos, simbolizando um modo de ser que se estabelece a partir destes. É a vinculação do gesto ao ato que promove, segundo ele, a importância de sua análise posto que são indissociáveis, mas, no entanto, são portadores de características específicas e complementares. São estas características conjugadas, do ato e do gesto, que promovem o interesse estético. Galard propõe então, uma “reabilitação do gesto”, buscando referenciar o que o torna significativo no contraponto daquilo que o deprecia nos estudos do processo civilizatório, como movimento exterior que oculta a verdade das intenções ou como imitação passiva, totalmente desprovida de intenção e/ou reflexão. “O gesto é a poesia do ato.” (Galard,1997, p. 27). Assim, há uma riqueza semântica no gesto, um sentido autônomo no movimento sutil que, se suprimido ou ignorado, oculta-se no anonimato do silêncio do corpo. Ao se mostrar, e instituir seu sentido, o gesto pausa o encadeamento concatenado dos atos e abre espaço para a via simbólica, como exemplo e não como modelo. Ele promove uma “estética espontânea” que faz surgir referências outras. Neste sentido, o estudo do gesto é primordial pois fornece uma referência que pode ser transposta para a conduta da vida, de modo mais amplo. Por essa perspectiva por ele trazida, o gesto pode ser, inclusive, a ausência de movimento, ou um ato que comunica, em sua simplicidade e totalidade, uma intenção e uma prática desinteressada, que exala propósitos colaborativos. Há possibilidades intrínsecas ao gesto que o vinculam à intuição e à experimentação. Há, assim, um significado plástico na forma pedagógica, concretizada na experiência gradativa do aprender na qual a imagem e a palavra se entrecruzam com as

posturas e os atos, ou seja, com os gestos.

## Conclusão

Desde o seu surgimento enquanto instituição, a universidade é a responsável pelo legado cultural e epistemológico da humanidade e estabelece uma homogeneidade nos modos de uso da razão na educação. Nela percebemos o predomínio de uma organicidade científica, uma rigidez metodológica e disciplinar que se apresenta como limitadora das dimensões poética e estética que, em nossa perspectiva, são igualmente constituintes para o processo formador. Por outro lado, a educação é uma contínua resistência ao já pensado. O caráter polissêmico do mundo contemporâneo nos convida a uma abertura ao sensível que o presente nos convoca. Paula Pereira chama a atenção para o fato de que talvez devamos buscar uma sensibilidade ativa, sustentada pela dimensão estética, que se contrapõe a uma sensibilidade passiva que o racionalismo ativo da modernidade instituiu, “um pensamento que, mesmo gerado num presente incerto ou por horizontes catastróficos, se afirme como uma actividade de *compromisso*, de co-pertença. E que ao perspectivar-se face ao seu tempo, acolha os acontecimentos como *convocações*.” (2003, p.225). Para ela, é o acolhimento que se apresenta como possibilidade de interpelação pela via afetiva, contendo sentidos outros que só a singularidade comporta, em sua particularidade ética e estética, manifestada no trânsito do interior para o exterior, tanto pela disponibilidade quanto pelo desejo de acolhida, o que resulta numa singularidade sensível.

Ao possibilitar que as singularidades se manifestem de modo a alterar os saberes instituídos com o propósito de reavivar o sentido de uma pedagogia universitária viva e pulsante, a universidade é também um espaço dialético aberto às mudanças, que desmistifica a ideia do acadêmico como espaço no qual imperam a fixidez, a passividade e a submissão aos saberes e às pessoas que elaboram as teorias hegemônicas das áreas que compõem o corpo de saberes acadêmicos. Sem estabelecer hierarquias, o gesto é balizado pela alternância, pela assimetria entre seu caráter ativo e seu caráter passivo. Ele é, portanto, expressão da imaginação e da intencionalidade criativa.

Ao buscarmos uma reflexão sobre o gesto na pedagogia universitária, o fazemos como tentativa de compreensão das interações e das subjetividades que o constituem na compreensão dos problemas estruturais que regem as relações pedagógicas. Entendemos que este promove uma reflexão sobre o que consideramos primordial para examinar os limites e a validade de nossos saberes e de nossas práticas pedagógicas, o que, de certo modo, renova nossas esperanças numa pedagogia universitária emancipadora, criadora, imaginadora e transformadora.

## REFERÊNCIAS

CITTON, Yves. **Gestes d’humanités**: anthropologie sauvage de nos expériences esthétiques.

Paris, Armand Colin, 2012.

GALARD, Jean: **A beleza do gesto**: uma estética das condutas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1997.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível**: formas e maneiras de sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: Contracampo, 2008.

HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PEREIRA, Paula Cristina. “Da sensibilidade como acolhimento”. In: CARVALHO, Adalberto Dias (org.). **Sentidos contemporâneos da educação**. Porto: Afrontamento, 2003.

WULF, Christoph. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.

Palavras-chave: Pedagogia universitária. Gesto. Estética. Emancipação. Singularidade